ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO ENSINO SUPERIOR: A INTEGRAÇÃO ENTRE O ACONSELHAMENTO INDIVIDUAL E AS PRÁTICAS COLETIVAS NO NÚCLEO DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO

Raysa Albuquerque Ferreira [1]
Andreza Nadja Freitas Serafim [2]
Joice dos Santos Alves [3]

INTRODUÇÃO

A reconfiguração do Ensino Superior brasileiro nas últimas duas décadas, impulsionada por políticas públicas de expansão e democratização do acesso — a exemplo do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e da promulgação da Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas) —, promoveu uma alteração sem precedentes no perfil sociodemográfico da comunidade estudantil. O ingresso de um alunado historicamente marginalizado, composto por trabalhadores, indivíduos de baixa renda, pretos, pardos e indígenas, trouxe para o cotidiano acadêmico uma multiplicidade de vivências, mas também expôs as severas barreiras socioeconômicas, pedagógicas e psicoafetivas que marcam a transição para a universidade (Gebrim, 2014; Santos et al., 2015).

A experiência universitária impõe uma ruptura significativa na trajetória dos indivíduos. Exigências de elevada performance cognitiva, prazos exíguos, conciliação entre jornadas de trabalho em tempo integral e estudos noturnos, distanciamento do núcleo familiar e o confronto com metodologias de ensino abstratas configuram estressores contínuos. No contexto dos cursos de graduação e licenciatura, tais fatores frequentemente desaguam em manifestações intensas de ansiedade, sobrecarga emocional, sentimentos de incompetência e desmotivação, culminando, não raro, no

[1] Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Psicologia Organizacional e do Trabalho da Universidade Potiguar- UNP, raysalbuquerque.ra@gmail.com; Docente no Centro Universitário FAVENI;
[2] Mestra em Gestão nas organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, andrezaoliv89@gmail.com , Docente no Centro Universitário FAVENI;
[3] Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, joicealvesgba@gmail.com ; Docente no Centro Universitário FAVENI;

ISSN: 2358-8829

trancamento de disciplinas e no abandono precoce do curso (Adoecimento Discente, 2024; Altus Ciência, 2024).

Diante dessa realidade, insere-se a discussão no âmbito do Grupo de Trabalho de Educação Emocional. Historicamente, as dificuldades de aprendizagem e o sofrimento psíquico na esfera educacional foram interpretados sob a égide de um modelo clínico-médico individualizante, que tendeu a patologizar e culpabilizar o estudante por seu suposto fracasso (Moura; Facci, 2016).

No entanto, a Educação Emocional no Ensino Superior, quando articulada de forma crítica, recusa a mera regulação comportamental ou o adestramento afetivo. Trata-se de promover espaços institucionais que reconheçam a afetividade como dimensão constitutiva do desenvolvimento cognitivo e da práxis humana, capacitando o sujeito a compreender suas emoções e construir estratégias emancipatórias de enfrentamento (Coll *et al.*, 2004).

É nesse horizonte que se consolida a atuação do Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP). Distanciando-se do viés exclusivamente curativo ou de consultório, o NAP assume a tarefa de conceber o acolhimento psicopedagógico como uma estratégia dupla e integrada: por um lado, assegura a escuta individualizada e singular por meio de plantões de aconselhamento de curto prazo; por outro, desenvolve intervenções coletivas preventivas em ambiente de sala de aula e aulas práticas. O presente artigo busca analisar justamente essa integração entre o atendimento individual e as práticas em grupo, evidenciando como a Educação Emocional pode fundamentar uma práxis psicopedagógica transformadora na educação superior.

METODOLOGIA

O presente artigo estrutura-se como um estudo descritivo-analítico de abordagem qualitativa, fundamentado no relato de experiência e na análise documental da prática institucional desenvolvida pelo Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP). A investigação contempla a sistematização do trabalho do setor no período recente, mapeando o funcionamento articulado entre duas frentes de atuação:

a) Eixo de Aconselhamento Psicopedagógico Individual: Operacionalizado sob o formato de plantão de escuta de curto prazo (atendimentos de 45 minutos), realizado

ISSN: 2358-8829

de forma remota via plataforma de videoconferência (Google Meet). Os atendimentos são agendados mediante solicitação oficial por protocolo eletrônico. Seguem estritamente as normativas éticas e de sigilo do Código de Ética Profissional do Psicólogo, exigindo ambiente reservado, uso de fones de ouvido e câmera aberta.

b) Eixo de Práticas Coletivas e Preventivas em Sala de Aula: Desenvolvido de forma presencial e síncrona diretamente no espaço das turmas e em aulas práticas (com ênfase nos cursos de licenciatura). Essas intervenções em grupo configuram-se como oficinas temáticas direcionadas aos momentos críticos do calendário acadêmico, tais como: (1) Gestão da ansiedade para provas e exames regimentais; (2) Preparação emocional e suporte pedagógico para o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE); e (3) Suporte psicopedagógico e enfrentamento do estresse na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para garantir a precisão dos dados e a contextualização empírica, foram analisados os relatórios institucionais de gestão do NAP (referentes aos ciclos de 2022 a 2026), bem como os planos de aula e diários de bordo das oficinas coletivas ministradas no ambiente universitário. A análise dos dados pautou-se na categorização temática, correlacionando os registros de demanda individual com os temas emergentes abordados nos encontros em grupo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica que orienta as ações do NAP ancora-se na Psicologia Escolar Crítica e na Abordagem Histórico-Cultural, cujos expoentes teóricos e contemporâneos recusam categoricamente a visão naturalizada do psiquismo humano. Conforme demonstrado por Moura e Facci (2016), a inserção tradicional da Psicologia na Educação esteve marcada pelo higienismo do início do século XX, que buscava adaptar o aluno 'desajustado' a uma estrutura escolar rígida. Na Educação Superior, essa herança manifestou-se na tentativa de transpor acriticamente o modelo clínico de psicoterapia para os serviços de atendimento ao estudante.

Em contraposição a esse paradigma medicalizante, a perspectiva histórico-cultural postula que as funções psicológicas superiores — tais como a atenção

voluntária, a memória lógica, o raciocínio abstrato e a autorregulação emocional — não são estruturas biologicamente dadas, mas formações psíquicas complexas constituídas na e pela atividade mediada e pelas relações sociais (Leal *et al.*, 2005). Como afirma Saviani (2003) no âmbito da Pedagogia Histórico-Crítica, a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Logo, o desenvolvimento emocional e a motivação para o estudo dependem intrinsecamente da qualidade das mediações pedagógicas oferecidas pela instituição.

2.2 AFETIVIDADE, COGNIÇÃO E EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO ENSINO SUPERIOR

A integração entre afeto e cognição constitui um dos pilares centrais da Teoria Histórico-Cultural. Vygotsky já advertia que a separação entre o lado intelectual e o lado afeto-volitivo da consciência representa uma das principais falhas da psicologia tradicional. No contexto acadêmico, estados prolongados de ansiedade, medo da avaliação e estresse cronificado inibem os processos de pensamento abstrato e a flexibilidade cognitiva necessária para a resolução de problemas complexos (Coll *et al.*, 2004).

A Educação Emocional, sob esta lente crítica, não consiste na supressão do estresse ou na pregação de um otimismo ingênuo, mas no desenvolvimento da consciência crítica sobre os fatores que geram o sofrimento e na apropriação de recursos cognitivos e comportamentais de autorregulação. Quando o estudante compreende que sua ansiedade perante uma avaliação em larga escala (como o ENADE) ou perante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não deriva de uma incapacidade pessoal, mas de um processo socialmente mediado, ele se capacita a migrar de estratégias defensivas de evitação para estratégias ativas de enfrentamento (coping) (Gebrim, 2014; Oliveira, 2019).

2.3 A DESMEDICALIZAÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR E O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR

A desmedicalização da queixa escolar exige que o profissional de Psicologia no Ensino Superior atue como um mediador institucional (Zavadski; Facci, 2012). O foco da intervenção desloca-se do indivíduo isolado para o campo das relações educativas,

envolvendo estudantes, docentes e gestores acadêmicos. O acolhimento psicopedagógico passa a ser compreendido como um espaço de ressignificação da vivência acadêmica, em que o sofrimento psíquico é acolhido em sua singularidade, mas analisado em sua dimensão coletiva e pedagógica (Serpa, Santos, 2001; Romanini, Oporto Gumucio, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A SINERGIA ENTRE O ATENDIMENTO INDIVIDUAL E AS OFICINAS COLETIVAS

A análise dos resultados revela que a grande inovação metodológica do NAP reside na ultrapassagem do dilema entre 'atender o indivíduo' ou 'atender o grupo'. A práxis do setor demonstrou que essas duas modalidades operam em uma dinâmica dialética de realimentação contínua. Os dados quantitativos dos relatórios de gestão (como o mapeamento dos atendimentos individuais de 2025 e 2026) evidenciam que as queixas mais recorrentes apresentadas pelos discentes dizem respeito à ansiedade generalizada com avaliações, dificuldade de gestão do tempo, sentimento de desamparo frente às exigências do TCC e sobrecarga advinda da conciliação entre trabalho e graduação.

Esses elementos, quando identificados no espaço reservado do consultório virtual, deixam de ser tratados como patologias privadas e passam a fornecer o diagnóstico institucional que subsidia o planejamento das oficinas coletivas em sala de aula. Por outro lado, a presença da equipe do NAP nas aulas práticas atuou como um potente catalisador: ao discutir abertamente a ansiedade de prova ou a preparação para o ENADE com toda a turma, desmistifica-se o estigma associado ao suporte psicológico, estimulando que discentes em situação de maior vulnerabilidade busquem voluntariamente o plantão individualizado.

A Tabela 1- Sintetiza a articulação funcional entre as duas frentes de atuação do Núcleo de Apoio Psicopedagógico:

ISSN: 2358-8829

Dimensão de Atuação	Metodologia & Espaço	Impactos na Educação Emocional
Aconselhamento Individual	Plantão de escuta focal (45 min) via Google Meet com agendamento por protocolo.	Acolhimento da crise singular, autorregulação imediata e reorganização personalizada de rotinas de estudo.
Práticas Coletivas em Sala	Oficinas temáticas presenciais/síncronas em aulas práticas (Ansiedade, ENADE, TCC).	Desmistificação do sofrimento, construção de redes de apoio mútuo entre pares e estratégias de coping em grupo.
Assessoria Institucional	Encontros de orientação com docentes, coordenadores e gestão acadêmica.	Sensibilização pedagógica, promoção de didáticas inclusivas e mitigação de estressores institucionais.

Fonte: Elaboração própria (2026).

4.2 O IMPACTO DAS OFICINAS COLETIVAS NO MANEJO DA ANSIEDADE E SUPORTE AO ENADE E TCC

As oficinas coletivas realizadas nas turmas de licenciatura demonstraram resultados expressivos no que tange à Educação Emocional. Durante os encontros voltados para a 'Ansiedade em Provas', a utilização de técnicas fisiológicas (como a respiração diafragmática) combinada com a reestruturação cognitiva do modelo A-B-C permitiu que os estudantes identificassem como suas crenças disfuncionais ('se eu não tirar nota máxima, serei um fracasso') disparavam estados de paralisia emocional.

No caso específico das oficinas de preparação para o ENADE e para o TCC, o trabalho focou na desconstrução do medo do julgamento acadêmico. A transição da preparação técnica para o acolhimento afetivo possibilitou que os graduandos desenvolvessem um sentimento de autoeficácia. Em vez de vivenciarem o TCC como um obstáculo insuperável ou uma punição, as dinâmicas de grupo auxiliaram os alunos a fracionar a escrita em micro-entregas diárias, utilizando a rede de apoio entre pares como fator de proteção emocional.

4.3 EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL QUALIFICADA

Os benefícios observados a partir dessa práxis psicopedagógica integrada refletem-se diretamente na permanência estudantil qualificada. A literatura na área (Moura. Facci, 2016; Santos et al., 2015) destaca que a evasão no Ensino Superior

ISSN: 2358-8829

raramente decorre de um fator único; trata-se de um acúmulo de frustrações pedagógicas e esgotamento emocional. Ao oferecer ferramentas práticas de autorregulação e garantir um espaço institucional de escuta e validação das emoções, o NAP atua diretamente na prevenção de quadros graves de adoecimento mental, promovendo a justiça social e garantindo a efetividade das políticas de inclusão acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu evidenciar a extrema relevância da Educação Emocional no âmbito do Ensino Superior, consolidando o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP) como uma estrutura mediadora indispensável para a promoção da saúde mental e do êxito acadêmico. A integração entre o aconselhamento psicopedagógico individualizado e as práticas coletivas preventivas em sala de aula mostrou-se uma metodologia altamente eficaz, superando os limites do modelo clínico tradicional e promovendo uma atuação alinhada aos princípios da Psicologia Escolar Crítica.

As oficinas grupais focadas no manejo da ansiedade de prova, no acolhimento para o ENADE e no suporte emocional para a elaboração do TCC demonstraram que a afetividade é parte indissociável da aprendizagem. Ao instrumentalizar os discentes com estratégias de autorregulação e enfrentamento ativo (coping), o NAP contribui não apenas para a melhoria do rendimento escolar, mas para a formação de profissionais e futuros docentes mais conscientes, autônomos e resiliência psíquica.

Conclui-se que a Educação Emocional, quando compreendida como práxis emancipadora e humanizada, fortalece o tecido institucional da universidade, transformando o ambiente acadêmico em um espaço acolhedor, cidadão e socialmente justo. Recomendam-se, para investigações futuras, o aprofundamento das pesquisas sobre os impactos de longo prazo das intervenções psicopedagógicas coletivas na carreira docente dos egressos e a expansão contínua de programas de assessoria pedagógica voltados ao corpo docente.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ADOECIMENTO DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR. Um olhar acerca da saúde mental dos graduandos de Pedagogia da UFAL / campus do sertão. Revista Eletrônica de Educação, v. 18, p. 1-15, 2024.

ALTUS CIÊNCIA. **A ansiedade em discentes no Ensino Superior**: causas, impactos e intervenções psicopedagógicas. Altus Ciência, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2024.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Psicologia da Educação. Vol. 2. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GEBRIM, Leiliane Bernardes. **Psicologia escolar e educacional no ensino superior**: demandas e desafios na história do serviço de atendimento ao estudante da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

LEAL, Z. F. R. G.; FACCI, M. G. D.; ALBUQUERQUE, R. A.; TULESKI, S. C.; BARROCO, S. M. S. A atuação do Psicólogo como explicitação da relação entre Psicologia e Educação. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 7., 2005, Curitiba. Anais... Curitiba: ABRAPEE, 2005. p. 1-12.

MOURA, Fabrício Rodrigues de; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 503-514, 2016.

OLIVEIRA, Fernanda Maria de. **Psicologia Escolar e Educacional no Ensino Superior**: atuação do psicólogo no atendimento à queixa escolar da UFPI. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

ROMANINI, Moises; OPORTO GUMUCIO, Laura. **Serviços e programas de saúde mental discente**: acesso, informações e oferta em sites de instituições federais de ensino superior. APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, v. 17, n. 28, p. 89-108, 2023.

SANTOS, A. A. A. et al. **Acolhimento e permanência no ensino superior**: o papel dos serviços de apoio ao estudante. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 32, n. 4, p. 621-632, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SERPA, Maria Nasaré Fonseca; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. **Atuação no ensino superior**: um novo campo para o psicólogo escolar. Psicologia Escolar e Educacional, v. 5, n. 1, p. 27-35, 2001.

ZAVADSKI, K. C.; FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo escolar no Ensino Superior e a formação de professores. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 3, p. 455-464, 2012.